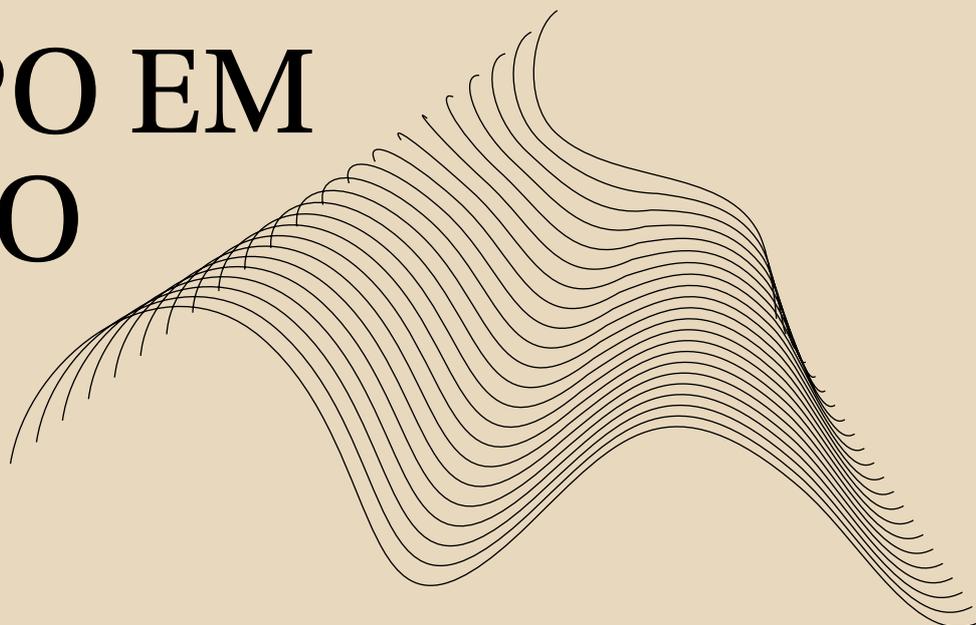




TEMPO EM CURSO



Publicação eletrônica mensal
sobre as desigualdades
de cor ou raça e gênero no mercado de
trabalho metropolitano brasileiro

Ano IV; Vol. 4; nº 2, fevereiro, 2012

(A variável cor nas estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego, Parte
III, comparação entre a RAIS e a PME, comentários sobre o CAGED)

ISSN 2177-3955

Sumário

1. Apresentação
2. Evolução do rendimento habitual médio do trabalho principal
3. Evolução da taxa de desemprego aberto
4. Comparação entre a RAIS e a PME
5. A variável Raça/Cor no CAGED

1. Apresentação

Com o presente número, está se dando a 28ª edição do boletim eletrônico “Tempo em Curso”. Os indicadores que formam esta publicação se baseiam nos microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgados, mensalmente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu portal (www.ibge.gov.br), e tabulados pelo **LAESER** no banco de dados “Tempo em Curso”.

O “Tempo em Curso” se dedica à análise da evolução do rendimento médio habitualmente recebido no trabalho principal e da taxa de desemprego nas seis maiores Regiões Metropolitanas brasileiras cobertas pela PME. Da mais ao Norte, para a mais ao Sul, estas RMs são as seguintes: Recife (PE), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS).

A presente edição dialoga com a evolução dos indicadores de rendimento e desemprego dentro do intervalo de tempo compreendido entre dezembro de 2010 e dezembro de 2011. Dito em outras palavras, esse número analisa o comportamento dos indicadores durante esse último ano.

Estes dados foram divulgados pelo IBGE em fevereiro de 2012, que comumente o faz justamente com um mês de defasagem. Conforme mencionado na edição anterior, infelizmente, nesse mesmo mês, o **LAESER** sofreu uma grave pane. Com isso, se gerou um atraso na publicação desse boletim, situação que deve se normalizar ao longo dos próximos meses.

Além dos comentários sobre os temas mencionados nos parágrafos anteriores, o número atual do “Tempo em Curso” abrigou a última parte do estudo especial que foi realizado pelo **LAESER** comparando o comportamento das desigualdades de cor ou raça no mercado de trabalho segundo as estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE e as do IBGE. Assim, na edição de dezembro de 2011, foram abordados aspectos

conceituais entre uma e outra fonte de informações. Na edição de janeiro, o exercício consistiu na comparação entre a base da Relação Anual de Informações Setoriais (RAIS), do MTE, e as estatísticas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE.

No atual número do “Tempo em Curso”, primeiramente, foi feita uma comparação entre alguns indicadores selecionados da RAIS com a PME. Diferentemente do que foi debatido na edição anterior, nesta os dados cobriram somente as seis maiores RMs brasileiras pesquisadas por aquela fonte do IBGE. Posteriormente, foram feitas algumas análises sobre a presença dos grupos de Raça/Cor no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), incluindo dois indicadores contidos nessa fonte: saldo de contratações e taxa de rotatividade.

2. Evolução do rendimento habitual médio do trabalho principal (tabela 1)

Em dezembro de 2011, o rendimento médio do trabalho principal habitualmente recebido pela PEA de ambos os sexos residente nas seis maiores RMs foi igual a R\$ 1.649,97. Tal valor representou elevação de 1,1% em relação ao rendimento verificado no mês anterior. Comparativamente a dezembro de 2010, o indicador observou aumento real de 2,6%.

Em dezembro de 2011, o rendimento médio da PEA branca de ambos os sexos foi igual a R\$ 2.059,12. Na comparação com novembro do mesmo ano, ocorreu elevação de 2,1% no indicador. Referencialmente a dezembro de 2010, o rendimento médio deste grupo de cor ou raça se elevou em 1,5%.

O rendimento médio do trabalho principal da PEA preta & parda de ambos os sexos, em dezembro de 2011, foi igual a R\$ 1.155,59. Na comparação com novembro do mesmo ano, houve redução do indicador em termos reais na ordem de 0,4%. Já em relação ao mês de dezembro de 2010, notou-se elevação de 4,3% no rendimento desse grupo de cor ou raça.

Desagregando as informações acima pelos grupos de sexo, verificou-se que, em dezembro de 2011, o rendimento médio dos homens brancos foi igual a R\$ 2.369,43. Quando comparado ao mês imediatamente anterior observou-se valorização do indicador em 2,5%. Comparativamente a dezembro de 2010, também houve elevação do rendimento para os homens deste grupo de cor ou raça, porém em menor magnitude: 0,7%.

Tabela 1. Rendimento médio habitualmente recebido pela PEA ocupada residente nas seis maiores RMs, Brasil, dez / 10 – dez / 11 (em R\$, dez / 11 - INPC)

	2010				2011								
	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Homens Brancos	2.353,23	2.383,50	2.384,18	2.420,36	2.336,98	2.359,51	2.348,25	2.408,02	2.408,38	2.355,92	2.349,90	2.311,24	2.369,43
Mulheres Brancas	1.647,53	1.661,20	1.660,69	1.675,80	1.667,72	1.679,86	1.674,05	1.700,35	1.692,59	1.661,13	1.678,15	1.679,25	1.704,37
Branco	2.028,00	2.048,07	2.053,94	2.078,35	2.029,04	2.047,97	2.037,26	2.082,24	2.078,33	2.034,31	2.036,38	2.017,03	2.059,12
Homens Pretos & Pardos	1.258,75	1.255,38	1.253,04	1.231,58	1.208,77	1.222,77	1.234,54	1.266,11	1.290,14	1.272,97	1.278,96	1.319,40	1.310,41
Mulheres Pretas & Pardas	918,35	920,61	905,54	896,58	893,31	891,03	891,66	914,82	937,35	919,18	945,77	956,32	957,13
Pretos & Pardos	1.107,48	1.107,50	1.100,20	1.082,69	1.068,45	1.076,38	1.084,31	1.111,20	1.136,37	1.117,77	1.132,31	1.160,06	1.155,59
PEA Total	1.608,53	1.616,50	1.609,02	1.617,46	1.588,19	1.606,61	1.615,23	1.651,05	1.659,82	1.629,72	1.629,48	1.631,68	1.649,97

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

Em dezembro de 2011, o mesmo indicador para a PEA masculina preta & parda foi de R\$ 1.310,41. Este valor representou uma queda no rendimento dos trabalhadores pretos & pardos da ordem de 0,7%, quando comparado à remuneração verificada em novembro do mesmo ano. Contudo, referencialmente a dezembro de 2010, observou-se elevação de 4,1% no rendimento médio dos homens pretos & pardos.

O rendimento médio do trabalho principal das trabalhadoras brancas apresentou-se, em dezembro de 2011, igual a R\$ 1.704,37. Na comparação com novembro de 2011, verificou-se valorização de 1,5% no indicador. A PEA branca feminina também experimentou elevação no rendimento médio, referencialmente a dezembro de 2010, de 3,4%.

As trabalhadoras pretas & pardas obtiveram rendimento médio de R\$ 957,13, em dezembro de 2011, mais uma vez correspondendo ao grupo de menor remuneração. Em relação a novembro do mesmo ano, o indicador ficou praticamente estável, tendo se valorizado em 0,1%. Já na comparação com dezembro de 2010, verificou-se aumento no rendimento das mulheres deste grupo de cor ou raça na ordem de 4,2%.

Em dezembro de 2011, a PEA branca de ambos os sexos obteve rendimento médio do trabalho principal 78,2% superior ao rendimento da PEA preta & parda de ambos os sexos. Comparativamente ao mês anterior, houve aumento de 4,3 pontos percentuais nas assimetrias de cor ou raça. Contudo, em relação a dezembro de 2010, ocorreu redução nas desigualdades de 4,9 pontos percentuais.

No último mês de 2011, os trabalhadores brancos do sexo masculino obtiveram rendimento habitual médio 80,8% superior que o mesmo indicador para os homens pretos & pardos. Na comparação com novembro de 2011, ocorreu elevação das assimetrias de cor ou raça em 5,6 pontos percentuais. Por outro lado, referencialmente a dezembro do ano anterior, verificou-se queda de 6,1 pontos percentuais nas desigualdades.

No mês de dezembro de 2011, a PEA branca feminina obteve rendimento médio do trabalho principal 78,1% acima do rendimento da PEA preta & parda de mesmo sexo. Em relação ao mês de novembro do mesmo ano, assim como na PEA masculina, também no caso das trabalhadoras, observou-se aumento da desigualdade, na ordem de 2,5 pontos percentuais. Contudo, comparativamente a dezembro de 2010, notou-se retração das assimetrias de cor ou raça dentro desse grupo de gênero, em 1,3 pontos percentuais.

O rendimento médio da PEA branca masculina apresentou-se 147,6% superior do que o da PEA feminina preta & parda em dezembro de 2011. Já o rendimento médio das trabalhadoras brancas foi 30,1% superior ao rendimento dos trabalhadores pretos & pardos do sexo masculino.

3. Evolução da taxa de desemprego aberto (tabela 2)

Em dezembro de 2011, a taxa de desemprego aberto da PEA de ambos os sexos residente nas seis maiores RMs foi de 4,7%. Esse valor relativo representou uma queda de 0,5 ponto percentual no indicador em relação a novembro do mesmo ano. Quando comparado

Tabela 2. Taxa de desemprego da PEA residente nas seis maiores RMs, Brasil, dez / 10 – dez / 11 (em % da PEA)

	2010	2010											
	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Homens Brancos	3,5	4,4	4,6	4,4	4,3	4,2	4,4	4,1	4,1	3,9	3,8	3,4	3,3
Mulheres Brancas	5,5	5,9	6,4	6,8	6,9	6,8	6,4	6,3	6,3	6,2	6,0	5,2	4,7
Brancos	4,4	5,1	5,4	5,5	5,5	5,4	5,3	5,1	5,1	5,0	4,8	4,2	3,9
Homens Pretos & Pardos	4,7	5,2	5,7	5,7	5,8	5,8	5,6	5,5	5,3	5,6	5,3	4,5	4,2
Mulheres Pretas & Pardas	8,2	9,4	9,5	9,8	9,4	9,5	9,2	9,1	9,3	9,3	8,8	8,6	7,5
Pretos & Pardos	6,3	7,1	7,4	7,6	7,5	7,5	7,2	7,1	7,1	7,3	6,9	6,3	5,7
PEA Total	5,3	6,1	6,4	6,5	6,4	6,4	6,2	6,0	6,0	6,0	5,8	5,2	4,7

Nota: PEA total inclui amarelos, indígenas e cor ignorada

Fonte: IBGE, microdados PME. Tabulação LAESER (banco de dados Tempo em Curso)

com a taxa de desemprego aberto em dezembro de 2010, o indicador se retraiu em 0,6 ponto percentual.

Na verdade, em dezembro de 2011, comparativamente aos últimos doze meses, ocorreu a menor taxa de desemprego aberto da PEA de ambos os sexos, sendo tal informação para todos os grupos de cor ou raça e sexo analisados nesse boletim eletrônico.

Em dezembro de 2011, a taxa de desemprego aberto da PEA branca de ambos os sexos foi igual a 3,9%. Houve redução de 0,3 ponto percentual no indicador na comparação com novembro do mesmo ano. A taxa também declinou em relação a dezembro de 2010. Nesse último caso, a retração foi de 0,5 ponto percentual.

Para a PEA preta & parda de ambos os sexos, a taxa de desemprego aberto em dezembro de 2011 foi igual a 5,7%. Este percentual representou reduções no indicador da ordem de 0,6 e, 0,7 ponto percentual, quando comparados, respectivamente, às taxas de desemprego aberto desse grupo em novembro de 2011, e em dezembro de 2010.

Desagregando os indicadores acima pelos grupos de sexo, notou-se que, em dezembro de 2011, a taxa de desemprego aberto dos trabalhadores brancos do sexo masculino foi de 3,3%. Comparativamente a novembro do mesmo ano, houve ligeira redução de 0,1 ponto percentual no indicador deste grupo de cor ou raça, enquanto que referencialmente a dezembro de 2010, a queda na taxa de desemprego aberto foi de 0,2 ponto percentual.

Os trabalhadores pretos & pardos do sexo masculino, em dezembro de 2011, apresentaram taxa de desem-

prego aberto de 4,2%. Em relação ao mês anterior, tal valor relativo correspondeu a uma queda de 0,3 ponto percentual na taxa de desemprego aberto. Na comparação com dezembro de 2010, ocorreu uma redução de 0,5 ponto percentual no indicador.

A taxa de desemprego aberto das trabalhadoras brancas, em dezembro de 2011, foi de 4,7%. Esse valor relativo correspondeu a uma queda de 0,5 ponto percentual, na comparação com o mês anterior; e de 0,8 ponto percentual, referencialmente a dezembro de 2010.

Em dezembro de 2011, as trabalhadoras pretas & pardas seguiram apresentando a maior taxa de desemprego aberto entre todos os grupos de cor ou raça e sexo estudados: 7,5%. Este contingente, comparativamente aos demais, experimentou a maior redução da taxa de desemprego entre novembro e dezembro de 2011: 1,1 ponto percentual. Com isso, pela primeira vez desde que a PME começou a coletar dados estatísticos dos grupos de cor ou raça, a taxa de desemprego das mulheres pretas & pardas caiu para um valor relativo abaixo de 8,0%. Em relação a dezembro de 2010, a taxa de desemprego aberto das mulheres pretas & pardas se retraiu em 0,7 ponto percentual.

4. Comparação entre a RAIS e a PME

4.a. Comentários gerais

Na última edição do "Tempo em Curso" foi procedida uma comparação entre as estatísticas da RAIS e da PNAD, no que tange ao modo pela qual ambas fontes captavam os indicadores dos grupos de cor ou raça. Assim, foi verificado que o principal problema daquela

fonte do MTE não residia tanto na subenumeração de registros, mas, sim, de um viés verificado no interior daquela base que levava ao aumento do peso absoluto e relativo dos classificados enquanto brancos, vis-à-vis os demais contingentes. Por outro lado, apesar desse problema, a base da RAIS parecia razoavelmente coerente com a PNAD, no que tange à distribuição dos trabalhadores por unidades da Federação e regiões geográficas do país, por setor de atividade e na mensuração das assimetrias salariais.

No presente número do “Tempo em Curso”, o primeiro objetivo foi analisar o grau de coerência entre a base de dados da RAIS com a PME. Tal como na edição de janeiro de 2012, os indicadores que serão analisados são os seguintes: i) evolução da composição de cor ou raça dos empregados com carteira assinada no Brasil entre 2007 e 2009; ii) composição de cor ou raça da população ocupada com carteira assinada entre grandes regiões geográficas e as unidades da Federação; iii) distribuição da população empregada com carteira assinada, segundo os grupos de cor ou raça, entre as regiões geográficas e as unidades da Federação; iv) composição de cor ou raça da população assalariada com carteira por setor de atividade econômica; v) distribuição da população assalariada celetista por setor de atividade econômica; e vi) rendimento do trabalho da população ocupada com carteira assinada.

Essa edição do “Tempo em Curso” também incorporou uma breve análise sobre algumas características específicas do CAGED em comparação às bases do IBGE. Também foram comentados dois indicadores obtidos através dessa última fonte: saldo de contratações e demissões e taxa de rotatividade.

É importante recordar que nos dois últimos números dessa publicação já foram feitos diversos apontamentos sobre as estatísticas do MTE, em comparação com às do IBGE. Igualmente foram tecidos comentários acerca da temporalidade dos indicadores elencados para estudo e do uso das categorias classificatórias (Raça/Cor e cor ou raça) apresentadas ao longo do texto. Nesse momento, não faria sentido voltar a cada um daqueles comentários. Portanto, em caso de dúvidas sobre conceitos e metodologias utilizados nesse número, reco-

menda-se que sejam lidas aquelas edições anteriores.

Abaixo, serão apontadas apenas questões que dizem respeito às especificidades das bases de dados contidas nessa edição.

A RAIS foi selecionada de tal forma a poder dialogar com aquela base do IBGE. Portanto, no presente exercício, foram coletados os indicadores da população que trabalhava nas seis maiores RMs, justamente cobertas pela PME. Para garantir maior fluidez ao texto, ao se fazer referência à RAIS das seis maiores RMs será o utilizado o termo RAIS 6>. O período de cobertura dessa última fonte foi 31 de dezembro de 2009. Já a PME corresponde ao mês de dezembro de 2009.

Com o objetivo de garantir a comparabilidade entre as duas bases de dados, na RAIS 6>, além do emprego doméstico, também foram excluídos os trabalhadores celetistas que trabalhavam no setor agrícola.

Vale salientar que mesmo o procedimento acima não necessariamente garantiu a plena convergência do universo estudado em uma e em outra fonte de informações estatísticas. Isso porque a PME é uma base domiciliar que leva em consideração a área de residência do entrevistado. Já a RAIS tem como referência o local de realização da atividade econômica. Com isso, é possível que uma pessoa resida fora de uma dada RM, mas trabalhe em uma empresa nesta localizada. Ou vice-versa. Nesse caso, teoricamente esse determinado indivíduo poderia ser captado em um levantamento, mas não em outro. É importante lembrar que esse problema não se apresentou no exercício realizado na edição anterior do “Tempo em Curso”, posto que, naquele momento, o estudo cobriu todo o território nacional.¹

Tal como foi feito na edição anterior do “Tempo em Curso”, quando se assumiu a PNAD como uma fonte de dados de validação da RAIS, no presente momento igualmente se partirá do pressuposto que a PME apresenta um já consolidado reconhecimento sobre a presença dos grupos de cor ou raça dentro do mercado de trabalho. Assim, a pesquisa do IBGE será utilizada no presente exercício como uma fonte de dados estatísticos de validação das informações geradas pela RAIS 6>.

1. Mesmo considerando que o problema identificado também poderia se expressar entre as unidades da Federação e as grandes regiões, talvez, seja razoável considerar que essa questão incidisse com menor força, vis-à-vis ao que ocorreria em um mesmo estado e seus respectivos municípios. Ou seja, para fins do deslocamento entre o espaço de residência e trabalho, se supõe que no espaço territorial de uma mesma unidade da Federação haja maior mobilidade entre as pessoas do que entre diferentes unidades ou regiões geográficas.

4.b. A variável Raça /Cor, segundo a RAIS, e a PME nas seis maiores RMs brasileiras, entre 2007 e 2009 (tabela 3)

No mês de dezembro de 2009, do total de registros contidos na RAIS 6>, em apenas 4,4% não estava presente a informação da Raça/Cor do assalariado celetista. Tal como ocorreu em todo o país, esse percentual verificou ligeiro aumento desde 2007 (quando foi de 3,5%) e 2008 (quando foi de 3,8%). Malgrado esse percentual de crescimento ter sido razoavelmente ínfimo, mais uma vez a elevação ocorrida no percentual de registros sem a informação sobre aquela variável pode estar relacionada com a insuficiente, ou mesmo falta, de campanhas de esclarecimento sobre sua importância por parte das autoridades do MTE.

Em dezembro de 2009, tanto no contingente de celetistas do sexo masculino, como no contingente de assalariadas com carteira do sexo feminino, o peso relativo da falta de informações sobre a categoria Raça/Cor também foi de 4,4%. Em ambos os casos ocorreram pequenas elevações no percentual de registros sem a declaração dessa variável. Assim, em 2007, em 3,4% dos registros de trabalhadores do sexo masculino, e em 3,6% dos registros de trabalhadoras do sexo feminino, aquela informação não esteve presente.²

No mês de dezembro de 2009, a RAIS 6> indicava uma distribuição relativa de 59,6% de pessoas de Raça/Cor branca. Os pardos responderam por 28,5%, e os pretos, por 6,6%. Desde 2007, a presença dos trabalhadores brancos na RAIS 6> declinou 2,6 pontos percentuais. A presença relativa dos pretos manteve-se prati-

Tabela 3. População ocupada com carteira assinada de acordo com a PME-IBGE e RAIS-MTE, segundo participação relativa dos grupos de cor ou raça e sexo, seis maiores RMs, Brasil, 2007-2009 (em %)

		PME			RAIS		
		2007	2008	2009	2007	2008	2009
Homens	Branca	33,5	32,7	31,2	37,5	36,6	35,4
	Preta	5,7	5,4	5,7	4,4	4,4	4,4
	Parda	21,3	21,6	22,6	17,7	18,0	18,5
	Amarela	0,4	0,3	0,4	0,5	0,5	0,4
	Indígena	0,0	0,1	0,1	0,2	0,2	0,1
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	0,0	0,0	0,0	2,1	2,4	2,7
	Total	60,9	60,0	59,9	62,4	62,0	61,5
Mulheres	Branca	23,8	24,4	23,5	24,6	24,5	24,1
	Preta	2,7	3,3	3,3	2,1	2,2	2,2
	Parda	12,1	12,0	12,9	9,1	9,5	10,1
	Amarela	0,4	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3
	Indígena	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,1
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	0,0	0,0	0,0	1,4	1,5	1,7
	Total	39,1	40,0	40,1	37,6	38,0	38,5
Ambos os sexos	Branca	57,2	57,0	54,7	62,2	61,0	59,6
	Preta	8,5	8,7	9,0	6,5	6,6	6,6
	Parda	33,4	33,6	35,5	26,8	27,5	28,5
	Amarela	0,8	0,6	0,7	0,8	0,8	0,8
	Indígena	0,1	0,1	0,1	0,3	0,2	0,2
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	0,0	0,0	0,0	3,5	3,8	4,4
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, microdados PME; MTE, RAIS (dados gerados a partir do programa x-olap). Tabulações LAESER

Nota 1: os dados da RAIS são referentes à população celetista que trabalha nas seis maiores RMs brasileiras

Nota 2: em ambas as bases foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados no emprego doméstico e no setor agropecuário.

Nota 3: na PME a temporalidade dos indicadores corresponde à média do ano. Na RAIS foram selecionados os empregados em 31/12.

Nota 4: o total também inclui a participação dos trabalhadores celetistas que foram declarados amarelos e indígenas

camente a mesma dentro de igual intervalo de tempo. Já os pardos aumentaram sua participação relativa no interior dos assalariados com carteira das seis maiores RMs em 1,7 ponto percentuais.

Comparando a distribuição relativa dos grupos de cor ou raça dentro das bases de dados da PME e da RAIS 6> verifica-se que a fonte do IBGE assinalava uma participação relativa dos trabalhadores celetistas brancos do sexo masculino 5,6 pontos percentuais inferior ao

² Esse indicador foi baseado nas informações contidas na tabela 3. Assim, para se chegar nessa conta, dentro de cada período de tempo, deve-se dividir o peso relativo de cada grupo de Raça/Cor e sexo pelo peso relativo do somatório de cada grupo de sexo no total. Por exemplo, o peso relativo dos homens de cor ignorada, no interior da RAIS das seis maiores RMs, no mês de dezembro de 2009, foi de 2,7%. Para se saber o peso relativo que esse grupo tem dentro do grupo masculino como um todo se operou a divisão desse valor por 61,5% que vem a ser o peso relativo dos homens dentro da RAIS-6> naquele mesmo mês e ano. Com isso, o peso relativo de trabalhadores de cor ignorada do sexo masculino sobre o total de trabalhadores do sexo masculino foi aquele mencionado. Daí é só seguir o raciocínio para os outros grupos, anos e bases de informações.

que ocorria na base do MTE. Já no caso dos assalariados com carteira pretos & pardos do sexo masculino ocorria justamente o contrário, com a PME indicando um peso relativo 10,1 pontos percentuais superior à sua proporção relativa na RAIS 6>.³

No caso da população assalariada com carteira do sexo feminino ocorria o mesmo movimento verificado acima, embora com uma intensidade um pouco menor. Desse modo, na PME, as assalariadas celetistas brancas apareciam com um peso relativo 4,0 pontos percentuais inferior ao que ocorria na RAIS 6>. Já as trabalhadoras celetistas pretas & pardas, na PME, tinham uma presença relativa de 8,6 pontos percentuais superior à RAIS 6>.

4.c. Distribuição dos grupos de Raça/Cor pelas RMs (tabelas 4 e 5, gráfico 1)

Quando se compara a distribuição relativa dos trabalhadores celetistas segundo seu grupo de Raça/Cor na RAIS 6> com a mesma distribuição dentro da PME, no mês de dezembro de 2009, verifica-se que ocorreram discrepâncias entre os respectivos percentuais.

No mês de dezembro de 2009, o peso relativo dos trabalhadores assalariados brancos na PME foi 4,9 pontos percentuais superior ao seu peso relativo na RAIS 6>. Os pretos e os pardos, pelo contrário, apareciam com uma presença relativa maior na PME do que na RAIS 6>, em respectivos percentuais de 2,5% e 7,0% (portanto, em conjunto, 9,5%). Logo, o que se observa é que a RAIS 6>, tal como a RAIS do país como um todo, tendia

a produzir um branqueamento dos registros. Isso ocorria pela possível transferência, na RAIS 6>, de registros de assalariados celetistas pretos & pardos para o grupo dos assalariados celetistas brancos, bem como pela perda de informações daquele grupo para o contingente que não tiveram a sua Raça/Cor informada.

Quando se subtraiu o número total de celetistas contidos na base da PME do número total de trabalhadores da mesma categoria contido na base da RAIS 6>, obteve-se, em todas as seis RMs, números menores. Ou seja, no conjunto dessas metrópoles, a PME subestimava o número de assalariados celetistas em quase 1,5 milhões de trabalhadores. Todavia, esse problema aparecia especialmente visível quando se analisava o comportamento específico da RM de São Paulo, onde o resultado do contraste daquelas duas bases de dados gerava uma diferença de mais de um milhão de trabalhadores.

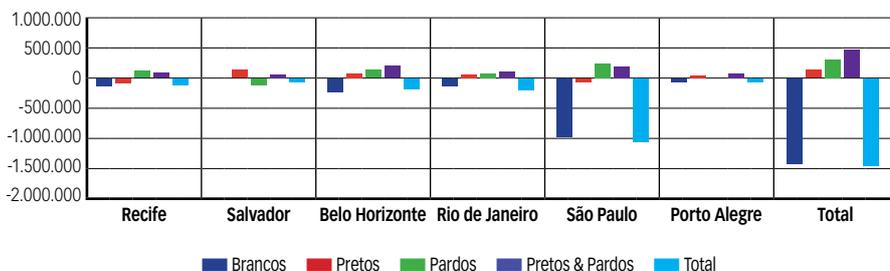
Ao se analisar como a população assalariada celetista se distribuía entre as seis maiores RMs segundo a PME e a RAIS 6>, verificou-se um movimento, de algum modo, convergente entre ambas as fontes. Assim, na base da PME, a maior metrópole brasileira respondia por 44,7% dos assalariados com carteira residente nas seis maiores RMs brasileiras. Já na RAIS 6> essa proporção era maior, chegando a 48,3%. Essa desproporção pode ser explicada pelos já comentados diferentes pesos relativos dos assalariados celetistas da RM de São Paulo em ambas as fontes.

Coerentemente, a PME, comparativamente à RAIS 6>, ampliava a presença relativa dos residentes nas RMs

de Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre em detrimento da RM paulista. Já a RM de Recife foi a única que apareceu respondendo por 5,8% dos assalariados com carteira assinada em ambas as bases de dados.

Conforme já foi discutido, em dezembro de 2009, o peso relativo dos trabalhadores assalariados celetistas que eram brancos era maior na RAIS 6> do que na PME, o inverso ocorrendo com os trabalhadores daquele mesmo grupo

Gráfico 1. Diferença entre número de trabalhadores celetistas segundo as bases de dados da PME e da RAIS 6+ de acordo com os grupos de cor ou raça selecionados (em número de trabalhadores celetistas)



Fonte: "IBGE, microdados PNAD; MTE, RAIS (dados gerados a partir do programa x-olap). Tabulações LAESER. Nota: em ambas as bases foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados no emprego doméstico."

3. Em caso de dúvida de como se chegou a esse indicador ver nota de rodapé 2, o mesmo valendo para as informações contidas no parágrafo posterior

Tabela 4. População ocupada com carteira assinada de acordo com a PME-IBGE e RAIS-MTE, segundo distribuição relativa dos grupos de cor ou raça selecionados pelas seis maiores RMs, Brasil, 2009 (em %)

Unidade da Federação	Branços		Pretos		Pardos		Pretos & Pardos		Raça/cor ignorada	Total	
	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	RAIS	PME	RAIS
Recife	30,2	40,2	3,9	5,4	65,4	48,9	69,4	54,4	4,4	99,6	99,0
Salvador	15,1	14,4	24,4	9,8	59,9	68,1	84,3	77,9	7,0	99,4	99,3
Belo Horizonte	38,7	48,8	12,3	7,4	48,3	38,5	60,6	46,0	4,1	99,3	98,9
Rio de Janeiro	52,8	54,3	11,1	9,3	35,7	31,9	46,9	41,2	3,5	99,7	99,1
São Paulo	63,0	68,0	5,6	5,1	30,2	21,4	35,8	26,5	4,4	98,8	98,9
Porto Alegre	86,2	86,4	8,0	5,3	5,6	3,6	13,6	8,9	4,4	99,8	99,7
Total	54,7	59,6	9,0	6,6	35,5	28,5	44,5	35,1	4,4	99,2	99,0

Fonte: IBGE, microdados PME; MTE, RAIS (dados gerados a partir do programa x-olap). Tabulações LAESER

Nota 1: os dados da RAIS são referentes à população celetista que trabalha nas seis maiores RMs brasileiras

Nota 2: em ambas as bases foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados no emprego doméstico e no setor agropecuário.

Nota 3: na PME a temporalidade dos indicadores corresponde à média do ano. Na RAIS foram selecionados os empregados em 31/12.

Nota 4: no total a diferença para 100,0% decorre da participação dos trabalhadores celetistas que foram declarados amarelos e indígenas

Nota 5: Raça/cor ignorada compreende Sem declaração de raça/cor ou ignorada.

que eram pretos & pardos. Ao se observar o comportamento desses indicadores em cada uma das seis maiores RMs, obtinha-se um movimento razoavelmente semelhante.

Os trabalhadores assalariados celetistas brancos apareciam com peso relativo maior na RAIS 6> do que na PME em todas as seis maiores RMs brasileiras. Aquela desproporção variava em termos de sua intensidade, indo de 10 pontos percentuais, tal como nas RMs de Recife e de Belo Horizonte, a 0,3 ponto percentual, na RM de Porto Alegre. O comportamento desse indicador foi diferente do que o observado na última edição do "Tempo em Curso", na qual os trabalhadores celetistas brancos apareciam em um peso inferior na RAIS, vis-à-vis à PNAD, das regiões Norte e Nordeste.

Conforme mencionado, no grupo dos trabalhadores assalariados celetistas pretos & pardos, o seu peso relativo era maior na PME do que na RAIS 6>. Assim, essa desproporção variou de 15,0%, na RM de Recife, a 4,7%, na RM de Porto Alegre.

Não obstante, tendo em vista os dados contidos na tabela 4, do ponto de vista da composição de Raça/Cor na RAIS 6>, comparando-a com a PME, as informações de ambas as fontes tendiam a serem mais coerentes na RM de Porto Alegre, seguida pelas RMs do Rio de Janeiro e de Salvador.

Na última edição do "Tempo em Curso" foi feita uma razoavelmente prolongada discussão sobre a relação entre

o problema acima, referente ao branqueamento da base da RAIS, com a forma pela qual essa base lograva captar a distribuição dos grupos de Raça/Cor pelas unidades da Federação e grandes regiões do país. Assim, foi verificado, que se era bem verdade, que aquele problema trazia complicações para a qualidade do indicador no que tange a maneira pela qual cada grupo se espalhava pelos diferentes pontos do território nacional, por outro lado, essa complicação não era tão acentuada a ponto de fazer com que as distribuições mensuradas por ambas as fontes fossem completamente dissociadas.

Na PME, os residentes brancos na RM de São Paulo correspondiam a 51,5% dos assalariados celetistas desse grupo de cor ou raça. Já na RAIS 6>, aquele grupo aparecia com um peso relativo de 55,1%. Considerando que na RAIS 6> a RM de São Paulo apresenta um número maior de trabalhadores do que a PME, tal fator mais uma vez contribuiu para ampliar o branqueamento daquela base do MTE.

Usando a mesma comparação, o peso relativo dos brancos assalariados com carteira, residentes na RM fluminense, correspondia a 21,0% através da PME, e a 18,2%, através da RAIS 6>. Considerando que aquela distribuição forma um jogo de soma zero, por definição, aquelas assimetrias influenciaram o peso relativo dos trabalhadores celetistas brancos das demais RMs no conjunto dos assalariados desse grupo de cor ou raça.

Naturalmente, o problema apontado acima igualmente voltou a se expressar quando do estudo da distribui-

Tabela 5. População ocupada com carteira assinada de acordo com a PME-IBGE e RAIS-MTE, segundo distribuição relativa dos grupos de cor ou raça selecionados pelas seis maiores RMs, Brasil, 2009 (em %)

Unidade da Federação	Branços		Pretos		Pardos		Pretos & Pardos		Raça/cor ignorada	Total	
	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	RAIS	PME	RAIS
Recife	3,2	3,9	2,5	4,8	10,7	9,9	9,1	8,9	5,8	5,8	5,8
Salvador	2,0	1,5	19,2	9,6	12,0	15,3	13,5	14,2	10,3	7,1	6,4
Belo Horizonte	8,3	9,3	16,0	12,8	15,9	15,3	15,9	14,8	10,8	11,7	11,3
Rio de Janeiro	21,0	18,2	26,8	28,5	21,9	22,4	22,9	23,5	16,3	21,7	20,0
São Paulo	51,5	55,1	27,6	37,8	38,1	36,2	35,9	36,5	48,7	44,7	48,3
Porto Alegre	14,0	12,0	7,9	6,7	1,4	1,0	2,7	2,1	8,3	8,9	8,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0						

Fonte: IBGE, microdados PME; MTE, RAIS (dados gerados a partir do programa x-olap). Tabulações LAESER

Nota 1: os dados da RAIS são referentes à população celetista que trabalha nas seis maiores RMs brasileiras

Nota 2: em ambas as bases foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados no emprego doméstico e no setor agropecuário.

Nota 3: na PME a temporalidade dos indicadores corresponde ao mês de setembro. Na RAIS foram selecionados os empregados em 31/12.

Nota 4: o total também inclui a participação dos trabalhadores celetistas que foram declarados amarelos e indígenas

Nota 5: Raça/cor ignorada compreende Sem declaração de raça/cor ou ignorada.

ção dos assalariados celetistas pretos & pardos das seis maiores RMs por cada uma daquelas RMs em específico. Todavia, curiosamente, esse descompasso ficou mais visível quando se analisou separadamente os pretos e os pardos do que quando se estudou os indicadores dos dois grupos em conjunto.

Na verdade, quando se estudou a distribuição dos empregados com carteira pretos & pardos por cada uma das RMs, observou-se uma grande coerência entre a base de dados da PME e da RAIS 6>. Assim, a distribuição dos pretos & pardos por cada uma das seis maiores RMs, em uma e em outra fonte, apresentou-se bastante semelhante. Talvez o melhor exemplo nesse plano seja justamente quando se faz um exercício aritmético simples, através da comparação daquelas duas fontes, subtraindo-se a distribuição relativa dos celetistas pretos & pardos por cada RM. Assim, os resultados divergiram quando muito em 1,1 pontos percentuais, tal como foi o caso da RM de Belo Horizonte, metrópole de residência para 15,9% dos residentes pretos & pardos assalariados celetistas, segundo a PME, e metrópole de atuação profissional para 14,8% das pessoas, segundo a RAIS 6>.

Não obstante, ao se estudar a distribuição dos trabalhadores celetistas de cor ou raça preta pelas seis maiores RMs verificou-se, em geral, diferenças entre os resultados produzidos pela PME e a RAIS 6>. Apenas exemplificando, segundo a PME, a RM de Salvador era metrópole de residência de 19,2% dos assalariados celetistas desse grupo de cor ou raça. Porém, para a

RAIS 6>, aquela RM era um campo de realização de atividades profissionais para 9,6% dos assalariados daquele contingente. Ainda que abrigando desproporções menos acentuadas, aquela diferença igualmente se expressava nas demais RMs.

No grupo dos celetistas de cor ou raça parda, no que diz respeito a sua distribuição entre as seis maiores RMs segundo a PME e a RAIS 6>, se verificou uma convergência quando do uso de ambas as fontes. Desse modo, os trabalhadores desse grupo se encontravam distribuídos, em uma e outra fonte, de forma razoavelmente semelhante: RM Salvador (segundo a PME, 10,7%; segundo a RAIS 6>, 9,9%, adiante, respectivamente); RM Recife (12,0% e 15,3%); RM Belo Horizonte (15,9% e 15,3%); RM Rio de Janeiro (21,9% e 22,4%); RM São Paulo (38,1% e 36,2%), e RM Porto Alegre (7,9% e 6,7%).

4.d. Distribuição pelos setores de atividades econômicas (tabelas 6 e 7)

Nessa subseção, é debatida a participação dos assalariados celetistas segundo os grupos de cor ou raça nos setores de atividade econômica de acordo com as bases da PME e da RAIS 6>. Os dados cobrem o período de dezembro de 2009.

Primeiramente, serão analisados os indicadores que mostraram a composição de cor ou raça dentro de cada setor de acordo com uma e outra base. Posteriormente, será analisada a distribuição de cada con-

tingente pelos setores de atividades econômicas de acordo com as correspondentes fontes de dados estatísticos provenientes do IBGE e do MTE.

Devido ao fato da PME ter um número menor de entrevistados do que a PNAD, o nível de desagregação dos setores de atividades será menor do que na edição anterior do "Tempo em Curso", restringindo-se a cinco ramos⁴. No caso da administração pública, utilizada em ambas as fontes, foram apenas listados os trabalhadores assalariados na condição de celetistas. Mais uma vez se aponta que, para garantir a comparabilidade entre a RAIS 6> e a PME, não foram incluídos os trabalhadores celetistas dos setores agrícola e doméstico.

Primeiramente, se destaca que nos setores da indústria, construção, comércio e serviços o percentual de registros dentro da RAIS 6> sem a declaração da Raça/Cor foi razoavelmente baixo, situando-se na casa dos 4%. Contudo, ao se observar o setor da administração pública verificou-se que a subnotificação da variável Raça/Cor se aproximou dos 8%.

Ao se analisar a composição de Raça/Cor da RAIS 6>, em comparação com a PME, no conjunto de setores de atividades econômicas, o que se observa é que mais uma vez aquela fonte de dados gerada pelo MTE apareceu com um viés no sentido de seu branqueamento. Assim, no conjunto dos setores de atividades, subtraindo-se o

Tabela 6. População ocupada com carteira assinada distribuída por setor de atividade econômica, de acordo com a PNAD-IBGE e RAIS-MTE, segundo participação relativa dos grupos de cor ou raça selecionados, seis maiores RMs, Brasil, 2009 (em %)

Setores de atividade	Branços		Pretos		Pardos		Pretos & Pardos		Raça/cor ignorada	Total	
	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	RAIS	PME	RAIS
Indústria	56,4	64,5	7,7	6,5	35,4	23,8	43,0	30,2	4,4	99,4	99,1
Construção	42,7	45,3	13,6	8,6	43,1	40,4	56,7	49,1	4,8	99,4	99,1
Comércio	52,8	60,5	8,6	6,2	37,8	28,7	46,4	34,9	3,8	99,2	99,1
Serviços	54,7	58,6	9,4	6,7	35,1	29,8	35,1	36,6	3,7	99,2	98,9
Administração Pública	60,0	63,1	9,1	5,4	29,8	22,6	38,9	28,0	7,9	98,9	99,0
Total	54,7	59,6	9,0	6,6	35,5	28,5	44,5	35,1	4,4	99,2	99,0

Fonte: Microdados RAIS e PNAD, 2009. Tabulações LAESER (Fichário das desigualdades raciais, Banco de dados "Tempo em Curso")

Nota 1: em ambas as bases foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados em emprego doméstico e o trabalho no setor agropecuário.

Nota 2: na PME a temporalidade dos indicadores corresponde à média do ano. Na RAIS foram selecionados os empregados em 31/12.

Nota 3: no total a diferença para 100,0% decorre da participação dos trabalhadores celetistas que foram declarados amarelos e indígenas

Nota 5: Raça/cor ignorada compreende Sem declaração de raça/cor ou ignorada.

Tabela 7. População ocupada com carteira assinada distribuída por setor de atividade econômica, de acordo com a PME-IBGE e RAIS-MTE, segundo os grupos de cor ou raça selecionados, seis maiores RMs, Brasil, 2009 (em %)

Setores de atividade	Branços		Pretos		Pardos		Pretos & Pardos		Raça/cor ignorada	Total	
	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	RAIS	PME	RAIS
Indústria	24,5	19,4	20,1	17,6	23,6	14,9	22,9	15,4	18,1	23,7	17,9
Construção	4,4	5,6	8,4	9,7	6,8	10,5	7,1	10,4	8,1	5,6	7,4
Comércio	18,6	22,2	18,4	20,5	20,5	22,0	20,1	21,7	18,9	19,3	21,9
Serviços	39,4	42,0	41,0	43,8	39,0	44,6	39,4	44,4	36,7	39,4	42,7
Administração Pública	13,1	10,7	12,0	8,3	10,0	8,0	10,4	8,1	18,3	11,9	10,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0						

Fonte: IBGE, microdados PME; MTE, RAIS (dados gerados a partir do programa x-olap). Tabulações LAESER

Nota 1: os dados da RAIS são referentes à população celetista que trabalha nas seis maiores RMs brasileiras

Nota 2: em ambas as bases foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados no emprego doméstico e no setor agropecuário.

Nota 3: na PME a temporalidade dos indicadores corresponde à média do ano. Na RAIS foram selecionados os empregados em 31/12.

Nota 4: o total também inclui a participação dos trabalhadores celetistas que foram declarados amarelos e indígenas

Nota 5: Raça/cor ignorada compreende Sem declaração de raça/cor ou ignorada.

4. A amostra da PNAD implica na aplicação do questionário em cerca de 150 mil domicílios. Já a amostra da PME consiste no sorteio de cerca de 40 mil domicílios para entrevista.

peso relativo dos assalariados celetistas brancos na RAIS 6> com o mesmo peso relativo na PME dentro de cada setor, verificavam-se divergências que foram de 2,6 pontos percentuais, como no caso da construção civil, a 8,1 pontos percentuais, como no caso da indústria.

Como seria de se esperar, à luz das informações prestadas acima, os assalariados celetistas pretos & pardos apresentavam maior participação relativa nos setores de atividades quando desagregados pela PME do que quando decompostos por intermédio da RAIS 6>. Assim, subtraindo-se uma base da outra, as diferenças em termos relativos entre ambas fontes foram de 1,4 pontos percentuais (caso da administração pública), a 12,8 (caso da indústria).

Quando se compara a distribuição dos assalariados celetistas das seis maiores RMs de acordo com os setores de atividades, segundo a RAIS 6> e a PME, pode-se perceber um movimento fundamentalmente convergente entre ambas as bases. Porém, ambas as bases também expressaram importantes diferenciações. Assim, exemplificando, do total de ocupados nas seis maiores RMs, os celetistas que trabalhavam na indústria corresponderam a 17,9%, segundo a RAIS 6>, e a 23,7%, segundo a PME. Já os ocupados no setor de serviços respondiam por 42,7% dos assalariados com Carteira de Trabalho e Previdência Social, segundo a RAIS 6>, e a 39,4%, de acordo com a PME.

As diferenças observadas acima também se expressaram no modo pela qual os grupos de cor ou raça das seis maiores RMs se viam distribuídos pelos setores de atividades econômicas de acordo com a RAIS 6> e a PME.

No caso dos trabalhadores celetistas brancos, segundo a RAIS 6>, 42% estavam ocupados no setor de serviços, 22,2% no comércio, 19,4% na indústria, 10,7% na administração pública e 5,6% na construção civil. Já segundo a PME, os celetistas daquele grupo de cor ou raça estariam distribuídos do seguinte modo: serviços, 39,4%; indústria, 24,5%; comércio, 18,6%; administração pública, 13,1%.

No grupo dos trabalhadores celetistas pretos & pardos, segundo a RAIS 6>, 39,4% estariam ocupados no setor de serviços; 22,9% na indústria; 20,1% no comércio; 10,4% na administração pública; e 7,1% na administração pública. Segundo a PME, porém, os trabalhadores com CTPS daquele grupo de cor ou raça estariam distribuídos assim: 44,4%, serviços; 21,7%, comércio; 15,4%, indústria; 10,4% na construção civil; e 8,1% na administração pública.

4.e. Desigualdade de Raça/Cor em termos salariais (tabela 8)

Na comparação entre as médias salariais observadas entre a PME e a RAIS 6>, essa última fonte revelou patamares de remuneração mais elevados. A razão dessa diferença já foi alvo da edição de janeiro de 2011 do "Tempo em Curso". Não obstante, aquela diferença foi observada na quase totalidade das RMs e no interior de quase todos os grupos de cor ou raça e sexo. Todavia, é necessário mencionar as exceções, ocorridas com o contingente branco do sexo feminino nas RMs de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, bem como com o contingente preto & pardo do sexo feminino da RM do Rio de Janeiro.

Tal como analisado na edição anterior do "Tempo em Curso", no presente exercício, as estatísticas do IBGE revelavam diferenças salariais maiores quando medidas através da PME do que quando mensuradas pela RAIS 6>. Assim, na PME, em dezembro de 2009, os brancos receberam salários 76,5% superior aos homens. Já quando essa conta era realizada através dessa última fonte do MTE, essa diferença foi de 62,0%.

Ao se aplicar o exercício acima nos grupos de sexo, foi, mais uma vez, observado o mesmo movimento das assimetrias serem medidas com mais intensidade através da PME do que por intermédio da RAIS 6>. Assim, no conjunto das seis maiores RMs, entre os assalariados com carteira do sexo masculino, as desigualdades entre brancos e pretos & pardos, quando medidas pela estatística do IBGE, foram de 77,2%. Já quando mensurada pela fonte do MTE aquela diferença chegou a 64,8%. No contingente do sexo feminino, as assimetrias foram calculadas em 80,9%, usando-se a PME, e em 63,3%, mediante a RAIS 6>.

No conjunto das RMs foram observadas diferenças de Raça/Cor no que tange aos salários médios dos brancos, comparativamente aos pretos & pardos. Assim, os trabalhadores assalariados do primeiro grupo recebiam salários maiores do que os do segundo em ambas as fontes de informações estatísticas. Essa realidade se repetia quando os dados das médias salariais eram desagregados pelos grupos de sexo.

Portanto, esses dados depuseram positivamente em relação ao grau de realismo da RAIS 6> no que tange ao estudo das desigualdades entre brancos e pretos & pardos.

Tabela 8. Rendimento médio do trabalho da população ocupada com carteira assinada de acordo com a PME-IBGE e RAIS-MTE, segundo os grupos de cor ou raça selecionados e sexo, seis maiores RMs, Brasil, 2009 (em R\$)

		Branco		Preto e Pardo		Total		Diferença no rendimento (Branco/ Preto & Pardo)	
		RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	PME	RAIS	PME
Homens	Recife	1.328,71	1.211,02	940,39	755,71	1.099,48	869,81	41,3%	60,2%
	Salvador	2.169,38	1.885,53	1.139,51	989,63	1.328,39	1.115,38	90,4%	90,5%
	Belo Horizonte	1.653,30	1.588,72	1.183,90	1.010,12	1.411,79	1.220,70	39,6%	57,3%
	Rio de Janeiro	1.952,90	1.783,12	1.225,32	1.042,59	1.666,79	1.416,65	59,4%	71,0%
	São Paulo	2.243,50	1.892,92	1.353,84	997,14	1.989,02	1.565,20	65,7%	89,8%
	Porto Alegre	1.578,27	1.327,15	1.150,54	887,33	1.530,34	1.266,80	37,2%	49,6%
	Total	2.017,50	1.742,69	1.224,22	983,48	1.720,44	1.391,92	64,8%	77,2%
Mulheres	Recife	1.129,62	1.095,37	809,99	667,76	961,33	833,17	39,5%	64,0%
	Salvador	1.602,08	1.388,42	973,90	877,93	1.083,20	967,30	64,5%	58,1%
	Belo Horizonte	1.182,36	1.259,87	826,59	722,09	1.021,33	948,42	43,0%	74,5%
	Rio de Janeiro	1.517,14	1.542,48	921,38	1.042,59	1.295,03	1.244,60	64,7%	47,9%
	São Paulo	1.695,66	1.608,29	1.013,97	831,29	1.528,71	1.385,34	67,2%	93,5%
	Porto Alegre	1.211,90	1.062,82	889,82	707,32	1.179,91	1.013,54	36,2%	50,3%
	Total	1.535,97	1.468,74	940,78	811,75	1.342,76	1.211,89	63,3%	80,9%
Total	Recife	1.253,13	1.155,16	899,97	726,20	1.052,62	855,85	39,2%	59,1%
	Salvador	1.950,34	1.656,49	1.082,33	946,62	1.242,77	1.056,58	80,2%	75,0%
	Belo Horizonte	1.468,36	1.447,81	1.062,52	904,09	1.268,37	1.113,98	38,2%	60,1%
	Rio de Janeiro	1.779,83	1.685,67	1.120,75	981,38	1.528,21	1.351,03	58,8%	71,8%
	São Paulo	2.019,06	1.768,14	1.229,96	937,06	1.805,62	1.491,20	64,2%	88,7%
	Porto Alegre	1.425,50	1.216,64	1.047,21	811,26	1.384,92	1.160,90	36,1%	50,0%
	Total	1.822,40	1.624,98	1.125,28	920,93	1.575,19	1.319,81	62,0%	76,5%

Fonte: IBGE, microdados PME; MTE, RAIS (dados gerados a partir do programa x-olap). Tabulações LAESER

Nota 1: os dados da RAIS são referentes à população celetista que trabalha nas seis maiores RMs brasileiras

Nota 2: em ambas as bases foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados no emprego doméstico e no setor agropecuário.

Nota 3: na PME a temporalidade dos indicadores corresponde à média do ano. Na RAIS foram selecionados os trabalhadores empregados em 31/12.

Nota 4: o total também inclui a participação dos trabalhadores celetistas de cor ou raça sem declaração e ignorada, e, os que foram declarados amarelos e indígenas

Nota 5: na PME a variável de rendimento corresponde ao rendimento mensal habitual do trabalho principal. Na RAIS o mesmo indicador corresponde à remuneração média do trabalhador.

5. A variável Raça/Cor no CAGED

5.a. Informações gerais sobre o CAGED

Na edição de dezembro de 2011 do “Tempo em Curso” foram apresentadas as principais diferenças entre a RAIS e o CAGED, ambas fontes geradas pelo MTE. Porém, naquele momento não foi feito nenhum apontamento em específico que fizesse uma comparação entre o CAGED e as estatísticas do IBGE.

Quando se compara o CAGED com as estatísticas do IBGE é preciso ter em conta que é necessário adaptar essas bases com o formato daquela fonte. Assim, o CAGED é obtido de informações produzidas pelas em-

presas, que enviam ao MTE, até o sétimo dia de cada mês, os dados referentes ao movimento de contratação e demissão de trabalhadores ocorridos no mês anterior. Nesse caso, somente estão obrigadas a fazer contato com aquele Ministério as unidades produtivas que tenham realizado movimentação de contratação ou desligamento de seus empregados naquele período de tempo. No caso das estatísticas do IBGE, essa informação pode ser obtida através dos microdados da PME. Porém, essa informação é gerada pelos informantes residentes nos correspondentes domicílios.

Não obstante, nesse momento, até se poderia ter realizado o mesmo tipo de recorte visto nas páginas acima, analisando-se os dados do CAGED apenas na

exatas localidades investigadas pela PME. Porém, um dos indicadores do CAGED escolhido para análise, taxa de rotatividade, não teria como ser razoavelmente reproduzido através dos dados da PME. Ademais, a descalibragem da expansão da amostra da PME para a RM paulista igualmente desencorajou que o exercício fosse feito daquele modo.

Dessa forma, por aqueles motivos, se optou por utilizar os dados do CAGED no plano nacional, evitando-se uma desnecessária perda de informações, o que inevitavelmente teria ocorrido caso se tivesse optado por analisar essa fonte apenas nas seis maiores RMs.

Abaixo, será visto o comportamento de dois indicadores presentes no CAGED: saldo de contratações de empregados com carteira assinada e taxa de rotatividade, em todo o país, entre 2007 e 2011. Foram selecionados os trabalhadores celetistas contabilizados naquela base de informações, excluídos os trabalhadores agrícolas e os empregados domésticos.

5.b. Saldo de contratações e demissões (tabela 9)

No ano de 2011, até o mês de outubro, as unidades

produtivas do setor formal haviam gerado, em termos de contratação de empregados com CTPS, um saldo positivo de cerca de 1,9 milhões de assalariados. Esse saldo foi inferior em cerca de 9,6%, em relação ao somatório de contratações ocorridas no ano de 2010 (cerca de 2,1 milhões de contratados). Contudo, foi quase 20% superior ao total do saldo de contratações em 2007.

Naquele mesmo ano de 2011, do saldo total de contratados e admitidos, em 22,3% da base de dados não havia o registro da cor ou raça do trabalhador. Esse percentual foi praticamente o mesmo do ano anterior. Porém, na comparação com o cenário verificado em 2007, houve um crescimento de mais de 6 pontos percentuais na proporção do salto de trabalhadores admitidos e que não tiveram sua Raça/Cor assinalada pelos seus empregadores.

Ou seja, no que tange à base do CAGED, o problema do sub-registro das informações estatísticas no que diz respeito à variável Raça/Cor se deu em uma proporção superior ao que foi observado, por exemplo, em relação à RAIS. Do mesmo modo que essa última base, também no CAGED, nos últimos anos, aumentou o percentual de subnotificação da variável Raça/Cor.

Tabela 9. Saldo de admissões (contratações - demissões) através do emprego com carteira assinada segundo os grupos de Raça/Cor, Brasil, 2007-2011 (em número de trabalhadores)

		2007	2008	2009	2010	2011
Homens	Branca	479.645	357.837	120.575	506.711	440.207
	Preta	72.954	51.982	25.356	73.893	66.526
	Parda	389.401	302.569	294.174	501.548	479.738
	Preta & Parda	462.355	354.551	319.530	575.441	546.264
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	65.793	77.456	86.661	144.518	151.438
	Total	1.009.017	790.550	524.080	1.229.899	1.144.071
Mulheres	Branca	340.230	361.325	206.808	445.218	372.408
	Preta	38.295	38.368	18.145	43.190	37.786
	Parda	195.264	207.377	191.154	326.001	277.196
	Preta & Parda	233.559	245.745	209.299	369.191	314.982
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	196.599	209.243	191.374	329.400	279.598
	Total	608.375	661.654	471.030	907.048	787.409
Ambos os sexos	Branca	819.875	719.162	327.383	951.929	812.615
	Preta	111.249	90.350	43.501	117.083	104.312
	Parda	584.665	509.946	485.328	827.549	756.934
	Preta & Parda	695.914	600.296	528.829	944.632	861.246
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	262.392	286.699	278.035	473.918	431.036
	Total	1.617.392	1.452.204	995.110	2.136.947	1.931.480

Fonte: Microdados CAGED. Tabulações LAESER (Fichário das desigualdades raciais, Banco de dados "Tempo em Curso")

Nota 1: foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados em emprego doméstico e o trabalho no setor agropecuário.

Nota 2: o total também inclui a participação dos trabalhadores celetistas de cor ou raça sem declaração e ignorada, e, os que foram declarados amarelos e indígenas

Entretanto, comparativamente, esse problema despontou com maior relevância justamente no CAGED.

Talvez o que possa explicar essa diferenciação seja o fato de que as informações que formam o CAGED precisam ser emitidas pelas empresas com um menor tempo ocorrido entre o fato gerador (no caso, a contratação ou a demissão) e o prazo estabelecido pelas normas legais (conforme visto, no sétimo dia do mês subsequente). No caso da RAIS, como o prazo da entrega das informações ao MTE são os três primeiros meses do ano posterior, talvez isso permita que as empresas tenham mais tempo para obter e processar as informações sobre a variável Raça/Cor. De qualquer forma, as lacunas verificadas no CAGED, mais uma vez, sinalizam a necessidade de campanhas públicas de esclarecimento, por parte do poder público, sobre a relevância da variável Raça/Cor nas estatísticas do mercado de trabalho.

A ausência de informações sobre a variável Raça/Cor no CAGED tende a afetar mais as mulheres do que os homens. Assim, no ano de 2011, do saldo dos contratados, o percentual de trabalhadores do sexo masculino sem a identificação da Raça/Cor alcançou 13,2%. Nesse mesmo ano, no saldo resultante da contratação e desligamento das mulheres trabalhadoras celetistas, o percentual de omissão de registro de Raça/Cor foi superior a um terço (35,5%).

No período 2007-2011, entre os trabalhadores celetistas, houve um aumento do percentual de omissão da variável Raça/Cor no saldo dos admitidos que, proporcionalmente, mais que duplicou (de 6,5%, para 13,2%). No contingente do sexo feminino, pode-se dizer que ao longo de todo aquele período, o percentual de registros sem informação sobre a Raça/Cor oscilou com maior intensidade, porém sem jamais descer abaixo dos 30%.

No ano de 2011, no saldo total de admitidos, 42,1% eram trabalhadores brancos; 39,2% eram pardos e 5,4% eram pretos. No ano de 2007, essas mesmas proporções foram de 50,7% de assalariados brancos, 36,1% de trabalhadores pardos e 6,9%, de trabalhadores pretos. Ainda que se possa identificar naquele intervalo um ligeiro acréscimo no peso relativo dos pretos & pardos (de 43,0%, para 44,6%), o que realmen-

te parece ter ocorrido foi o já mencionado crescimento dos registros de trabalhadores sem a informação da variável Raça/Cor.

5.c. Taxa de rotatividade (tabela 10)

A taxa de rotatividade é gerada pelo cálculo da proporção de trabalhadores que foram substituídos em um determinado período de tempo e em uma dada territorialidade, pelo estoque total de trabalhadores presentes no início daquele mesmo tempo e territorialidade⁵.

O cálculo desse mesmo indicador no CAGED é feito através do número mínimo dos contratados ou demitidos, valor que é posteriormente dividido pelo estoque total de empregos no primeiro dia de cada mês.

$$TR(t) = \left[\frac{A(t); D(t)}{E(t)} \right] \times 100$$

Onde:

TR(t) = taxa de rotatividade do mês t

A(t) = mínimo de admissões no mês t

D(t) = mínimo de desligamentos no mês t

E(t) = Estoque de empregados no 1º dia do mês t

Pelo fato do MTE ter interrompido, no final de 2011, o envio das mídias para os pesquisadores cadastrados contendo as estatísticas desse órgão de governo, no que tange à taxa de rotatividade, optou-se trabalhar com os dados compreendidos entre dezembro de 2009 e dezembro de 2010.

A taxa de rotatividade apresentada na tabela 10 corresponde ao indicador dentro cada mês em relação aos doze meses anteriores.

De acordo com o CAGED, em dezembro de 2010, a taxa de rotatividade da população assalariada com CTPS foi de 39,0%. Entre os homens, esse indicador foi equivalente a 46,6%, e entre as mulheres, a 34,4%.

Segundo aquela fonte, entre dezembro de 2009 e dezembro de 2010, a taxa de rotatividade da população assalariada celetista cresceu de 37,5%, para 39,0%. Vale salientar que esse indicador seguiu nessa mesma direção tanto entre os homens, como entre as mulheres.

5. A esse respeito ver http://www.mte.gov.br/pdet/o_pdet/reg_admin/caged/apres_caged.asp. A fórmula algébrica da taxa de rotatividade acima, foi igualmente retirada dessa mesma fonte.

No que tange ao indicador da taxa de rotatividade segundo os grupos de Raça/Cor de ambos os sexos, ao longo de toda série, os brancos apresentaram indicadores menos acentuados do que os pretos & pardos. Assim, em todo o Brasil, em dezembro de 2010, a taxa de rotatividade dos trabalhadores celetistas brancos foi de 35,4%, ao passo que o mesmo indicador, entre os pretos & pardos, foi de 44,7%. Ao longo do período entre dezembro de 2009 e dezembro de 2010, a diferença entre brancos e pretos & pardos no que tange a esse indicador aumentou de 7,7 para 9,3 pontos percentuais.

Desagregando as informações da taxa de rotatividade dos contingentes de Raça/Cor, também pelos grupos de sexo, identificou-se que, em todo o país, em dezembro de 2010, a menor taxa de rotatividade foi a das mulhe-

res brancas: 33,1%. Em seguida, vinham os seguintes indicadores: homens brancos, 36,8%; mulheres pretas & pardas, 37,0%; homens pretos & pardos, 48,1%.

Quando se desagregou os dados dos celetistas pretos e dos celetistas pardos, verificou-se que as mútuas taxas de rotatividade tendiam a se aproximar entre si. Assim, no somatório de ambos os sexos, naquele mesmo mês de dezembro de 2010, a taxa de rotatividade dos trabalhadores com CTPS brancos foi, conforme visto, de 35,4%. Já o mesmo indicador, entre os pretos, foi de 43,0%, e entre os pardos, de 45,0%.

Na literatura sobre as características do mercado de trabalho brasileiro já existe um copioso debate clássico acerca de como se deve analisar a proporcionalmente eleva-

Tabela 10. Taxa de rotatividade no emprego com carteira assinada segundo os grupos de cor ou raça selecionados e sexo, dez 2009 - dez 2010 (em %)

		2009	2010											
		Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Homens	Branca	36,1	35,7	35,7	35,7	35,6	35,6	35,6	35,6	35,7	35,7	35,8	36,1	36,8
	Preta	43,8	43,4	43,4	43,3	43,0	42,9	42,8	42,8	42,8	42,8	43,1	43,7	45,2
	Parda	45,8	45,5	45,8	46,2	46,0	46,2	46,3	46,3	46,4	46,3	46,5	47,2	48,6
	Preta & Parda	45,5	45,2	45,4	45,7	45,5	45,6	45,7	45,7	45,8	45,7	46,0	46,6	48,1
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	41,3	43,0	42,9	43,5	44,1	44,5	44,9	45,4	45,6	45,8	46,0	46,2	46,6
	Total	39,7	39,4	39,5	39,7	39,5	39,6	39,7	39,7	39,8	39,8	39,9	40,4	41,4
Mulheres	Branca	32,6	32,3	32,2	32,3	32,3	32,3	32,4	32,5	32,5	32,4	32,4	32,4	33,1
	Preta	37,0	36,9	36,8	36,7	36,5	36,3	36,1	36,1	36,3	36,3	36,3	36,5	37,3
	Parda	35,4	35,4	35,4	35,6	35,6	35,6	35,6	35,7	35,8	35,9	36,0	36,1	36,9
	Preta & Parda	35,7	35,6	35,6	35,8	35,7	35,7	35,7	35,8	35,9	35,9	36,0	36,2	37,0
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	36,0	35,9	36,3	36,5	36,9	37,2	37,4	37,5	37,6	37,5	37,6	37,6	38,5
	Total	33,7	33,5	33,4	33,6	33,5	33,5	33,6	33,7	33,7	33,7	33,7	33,8	34,4
Ambos os sexos	Branca	34,7	34,4	34,3	34,4	34,3	34,3	34,3	34,4	34,4	34,4	34,4	34,7	35,4
	Preta	41,8	41,4	41,4	41,4	41,1	40,9	40,8	40,8	40,9	40,9	41,1	41,5	43,0
	Parda	42,6	42,4	42,5	42,9	42,7	42,8	43,0	43,0	43,1	43,0	43,2	43,7	45,0
	Preta & Parda	42,4	42,2	42,4	42,6	42,5	42,5	42,6	42,6	42,7	42,7	42,9	43,4	44,7
	Sem declaração de raça / cor ou ignorada	40,4	40,4	40,8	41,3	41,7	42,1	42,5	42,6	42,8	42,9	43,0	43,3	44,5
	Total	37,5	37,3	37,3	37,4	37,3	37,4	37,5	37,5	37,6	37,6	37,7	38,0	39,0

Fonte: MTE, CAGED (dados gerados a partir do programa x-olap). Tabulações LAESER

Nota 1: foram selecionados trabalhadores celetistas com exceção daqueles ocupados no emprego doméstico e no setor agropecuário.

Nota 2: o total também inclui a participação dos trabalhadores celetistas de cor ou raça sem declaração e ignorada, e, os que foram declarados amarelos e indígenas

da taxa de rotatividade no mercado de trabalho brasileiro em relação aos demais países. De qualquer maneira, o fato é que não existe um dissenso em termos de que a instabilidade dos vínculos ocupacionais entre patrões e empregados dificilmente deixa de ser primordialmente prejudicial aos empregados. Isso porque, este, com vínculos empregatícios menos estáveis, o trabalhador fica mais sujeito a condições ocupacionais mais precárias, salários menores (no mínimo porque a rotatividade inibe que o salário possa se elevar através dos sucessivos reajustes) e menores chances de acessar oportunidades de promoção, treinamento e de alavancar a carreira profissional.

Enfim, através da tabela 10, observou-se que a taxa de rotatividade dos trabalhadores celetistas pretos & pardos era mais elevado que a dos trabalhadores brancos. Essa informação é coerente com o fato de que os trabalhadores pretos & pardos, em comparação aos trabalhadores brancos, enfrentam piores condições ocupacionais. Tal aspecto apontou o reconhecimento de algum grau de realismo da variável Raça/Cor contida na base de informações do CAGED.

Comentários finais

O estudo da RAIS 6> mostrou que essa fonte abrigou uma relativamente pequena perda de registros de Raça/Cor. Porém, verificou-se que esta base do MTE está sujeita a um viés decorrente do seu branqueamento. Ou seja, o peso relativo de trabalhadores celetistas brancos na RAIS > 6 era maior do que na PME.

O estudo realizado também revelou que ambas as bases apresentam possibilidades de comparação, inclusive quando se deseja estudar o comportamento dos grupos de cor ou raça. Porém, essa potencialidade foi menor que quando se compara a RAIS e a PNAD como um todo. Isso decorreu de uma aparente descalibragem da expansão da amostra da PME para as seis maiores RMs, especialmente a paulista.

Assim, pode-se constatar que para finalidades do estudo do comportamento dos indicadores dos grupos de Raça/Cor no mercado de trabalho formal através da RAIS, é mais interessante utilizar os indicadores agrega-

dos no plano nacional do que os gerados nas seis maiores RMs. Essa questão é importante tendo em vista, que em um primeiro olhar, talvez se pudesse suspeitar que nas maiores RMs as fontes fossem mais confiáveis.

Por outro lado, o estudo sobre a qualidade da variável Raça/Cor no CAGED ficou prejudicado pela falta de outra base mais conhecida à qual pudesse ser comparada. No que tange ao saldo de contratações e demissões, haverá a necessidade de um aprofundamento dos estudos, nesse caso, através de novos exercícios com esse indicador, especialmente através de comparações entre as bases do CAGED com a PNAD. Assim, se poderia realizar uma reflexão sobre os setores de atividades de mais comum presença de brancos ou de pretos & pardos e se conferir se há uma maior coerência entre aquelas duas bases no que tange ao menos àquele indicador. Por outro lado, o estudo realizado nesse número do "Tempo em Curso" sugere que os dados sobre a taxa de rotatividade entre os respectivos contingentes parecem ser coerentes com o perfil de vínculo dos grupos de cor ou raça ao mercado de trabalho formal.

Os três últimos estudos especiais contidos nas páginas do "Tempo em Curso" consistiram em uma pesquisa inédita realizada pelo LAESER acerca da qualidade da variável Raça/Cor nas estatísticas do MTE. Assim, do estudo feito, ficou patente que se é bem verdade que a RAIS e o CAGED ainda abrigam algumas lacunas, por outro lado, ambas revelaram-se minimamente coerentes com o estado da arte da literatura dedicada ao tema das desigualdades entre brancos e pretos & pardos no mercado de trabalho formal do país.

Do saldo daqueles limites e potencialidades fica-se a constatação de que o único modo de se aprimorar a qualidade da variável Raça/Cor nas bases de dados do MTE é justamente através de seu permanente uso, reflexão e crítica. Por isso, o LAESER, na medida do possível, passará a utilizar as bases de informações do MTE em suas futuras publicações, mais especificamente o saldo de contratados e demitidos e a taxa de rotatividade.

Tempo em Curso

Elaboração escrita

Profº Marcelo Paixão,
Irene Rossetto,
Elisa Monçores e
Guilherme Câmara

Pesquisadora

Assistente

Irene Rossetto
Giaccherino
Elisa Alonso Monçores

Bolsista de iniciação científica

Guilherme Câmara

Revisão de texto e copy-desk

Alana Barroco
Velasco Austin

Editoração eletrônica

Maraca Design

Apoio

Fundação Ford



FORDFOUNDATION

Equipe LAESER / IE / UFRJ

Coordenação Geral

Profº Marcelo Paixão

Pesquisadores Assistentes

Prof º Cleber Lázaro Julião Costa
Elisa Alonso Monçores
Irene Rossetto Giaccherino

Colaboradores

Profª Azoilda Loretto
Prof º José Jairo Vieira

Bolsistas de iniciação científica

Danielle Oliveira (PIBIC – CNPq)
Elaine Carvalho (Fundação Ford)
Guilherme Câmara (PIBIC – CNPq)